

Texto encarte “Gil / Voz & Violão”

Quando soube de Gil que ele sonhava fazer um disco intimista urdido só com a voz e o violão, imaginei-o encartado no livro que fazia sobre ele, o **“GiLuminoso: a pó.ética do ser”** lançado em 1999.

Poderíamos então, ouvir um Gil estando a soar quase em nudez na sala de estar dos que o amam, e a sua musa, a música.

Assim, entramos no estúdio carioca Gorila Mix num daqueles verões de janeiro no Rio. E lembro-me longe da mesa onde Leco pilotava a gravação. Quem era eu para produzir e dar piteco no disco de quem tinha tanta sabedoria e artesaniania de faze-lo, e muito bem. Mas lá de dentro do estúdio de gravação uma voz humilde e forte soava: *“Venha Bené! Você não é o produtor do disco? Sente ai na mesa e me diga o que tenho que fazer”*.

Ele já tinha tido atitude semelhante e firme um tempo antes, ao me pedir que escolhesse as 15 músicas a serem gravadas. Para começar já era muita responsabilidade, mas Gil estava indo para uma excursão pelo exterior, e queria na solidão dos hotéis, curtir, lamber as crias ao ensaiar e fazer os primorosos, simples e essenciais arranjos que deixaram cada canção à só e a nu consigo mesmas.

Assim, passamos três dias, entre grava-las e escolher entre duas ou três opções, aquela que estivesse mais despida e pudesse ter todo o som e o tom da intimidade.

O mesmo frescor íntimo, com que estas canções fizeram durante décadas a cabeça de nossa geração, e muitas vezes, além de inspirarem, também facilitaram mudanças de rumo e prumo de nossas vidas.

Estas canções despidas de todos os ornamentos instrumentais, tanto elétricos como acústicos, ou dos arranjos densos e elaborados, ganharam uma outra dimensão onde a força poética mostrou-se ainda mais intensa pela profundidade filosófica e espiritual.

Muitas destas letras permanecem com tão fundas lealdades a *poesis* e com as rítmicas raízes necessárias a um poema, que nem necessitam sequer do belo com que lhe veste de melodia a música.

E Gil, foi revisitando uma por uma destas canções, com sua maestria de sábio e sensível artesão, tecendo nó por nó - sem dar nenhum nó na nossa mente - a mesma mente que aprendeu também com ele, a não mentir para si mesmo, e a explodir não só as fronteiras entre o erudito e o popular, mas também as limitações entre o oriente e o ocidente.

E as canções tão amigas e íntimas do que em nós só precisa aprender a só ser, foram ganhando em três dias de criação, o dom da leveza e a força original da grandeza e da magia.

Sabe-se que nenhum artista da música popular pode radicalizar seu exercício experimental de liberdade com um projeto poético/estético, filosófico e espiritual tão denso, e ao mesmo tempo tão leve e vigoroso, como Gil

o fez durante estas últimas quatro décadas. Nelas, produziu não só uma obra impar, mas também uma obra par e parceira de uma voz em estado de terna graça. Esta voz rouxinol liberta tantas vezes da gaiola das limitações de estúdios e ilusões, improvisa sempre e melhor para a soltura de nossos tontos vôos. Estes mesmos vôos que tomaram as mais imprevisas rotas pela inspiração do seu canto e de seus ousados gestos corporais dignos de um poderoso xamã: quando entra no palco trás para sua tribo, toda a força de sua ancestralidade, sabe fazê-la naturalmente cantar e dançar nos terreiros do mundo em ritos de prazer, paixão e alegria.

Aqui neste cd há um xamã quase que meditando no só da penumbra de um pequeno estúdio de gravação. Um Gil a nu com sua voz na calma. Um Gilberto a sós com seu violão: extensão de uma alma afeita à generosidade da imensidão...

Aliás, poucos compositores são tão requintados e ousados na forma de fazer um instrumento ressoar na alma de alguém. Gil vai mais longe do que apenas solar um instrumento que é tão da tradição, ao mesmo tempo, que é tão par do virtuoso ao tocar nosso coração solar, brasileiro e sentimental. Com este mesmo violão que é afeito ao nosso pudor e pureza, e a nossa paixão e alegria de ser, Gil retoca-o com gentileza transgressiva só notável nos verdadeiros artistas que nos tocam pela compreensão da complexidade do belo e do simples.

Numa visita a Caetano, ele me confessou que este era um dos discos mais lindos que Gil gravara, isso justamente, porque Veloso compreende semelhantes qualidades de um ser irmão. Luiz Brasil me disse que este livro/cd, é *cult* entre seus pares, músicos, porque nele Gil não só explicita a obra falando do processo criativo das canções. É também como um paciente professor público, que numa sala de música, esta a toca-la com uma quase definitiva forma estética e conceitual. É como se quisesse com esta forma informal e quase didática, instruir a qualquer músico, que se a tocasse e se a cantasse assim, como o compositor disse, seria para que nenhuma delas perdesse o brilho tonal da sinceridade ou o jeito atonal de sua essência. Decidimos então, por tudo isso, libertar o cd do livro que teve uma pequena e limitada tiragem. Agora temos o imenso prazer de senti-lo invadir e inspirar o imaginário de todos os que ele ama, e por todos eles, é tão amado.

Bené Fonteles

Brasília, maio de 2006